

Entrevista concedida por Carmen Lúcia Capra (Uergs) para Priscila Pasko, por e-mail, em 31 de março de 2020, para compor a Reportagem Cultural do Jornal do Comércio “Acesso à arte na infância conecta o ser humano a um novo mundo”, disponível em

https://www.jornaldocomercio.com/ conteudo/especiais/reportagem_cultural/2020/04/734307-acesso-a-arte-na-infancia-conecta-o-ser-humano-a-um-novo-mundo.html

1) Qual a diferença entre atividade educativa e disciplina?

A arte e a educação se aproximam em diversos cenários, mas a presença da arte na educação regular, isto é, na escola, coloca em relação esta área de conhecimento – a arte – com a educação básica de crianças, jovens e adultos (no caso da EJA) de todo o Brasil. O mesmo ocorre com todos os demais componentes curriculares, porém, quando a arte é disciplina escolar, e chama-se Arte, ela é assumida como um componente singular dentro das experiências educativas escolares.

Se pararmos para pensar no significado da expressão “Educação Básica”, podemos compreender que *na base da educação nacional há um conjunto de conhecimentos fundamentais para a formação intelectual, social e política de estudantes que logo participarão do mundo por si próprios*. Arte, sendo uma disciplina, assume a responsabilidade de contribuir para que “os que virão” saibam pensar e agir sobre as formas de participar do mundo também através do conhecimento artístico. Além de estudantes saberem o funcionamento do mundo, esperamos *que a escola capacite para a transformação das estruturas que o compõem*. Repetir o mundo como ele é não garante o seu aprimoramento, *queremos que tenham uma formação artística aqueles que terão a sua vez para fazer as novas perguntas à vida coletiva*.

Recai sobre a escola um conjunto de opiniões que resumem demais a formação escolar, tonalizando o ensino e a aprendizagem de matizes mercantilizados e utilitaristas que levam em conta apenas a dimensão econômica, já tão disseminada nos nossos valores. Se tomarmos o valor econômico como o parâmetro para a formação da juventude, estaremos sendo irresponsáveis com as próximas gerações e com o significado da educação. Daí que Arte, sendo um componente do currículo escolar, afirma nosso compromisso social e político com uma formação diversa, complexa e fértil para compor o futuro coletivo.

A disciplina escolar Arte também presume a interação entre as áreas do conhecimento acadêmico e científico – arte e educação – na formação docente daqueles que terão a habilitação para ensinar Arte nas escolas. É o que fazem as licenciaturas em arte e, na Universidade Estadual do Rio Grande do Sul (Uergs) temos quatro licenciaturas específicas nas artes: música, dança, artes visuais e teatro. Afora ser um orgulho para uma universidade pública estadual atender às quatro modalidades artísticas, demonstra conhecimento e respeito ao que é específico de cada arte, uma vez que no senso comum as artes todas parecem ser uma única coisa, porém, não o são. Quem leciona Arte na educação regular é alguém que entende de conceitos, práticas e problemáticas da educação e das artes e trança isso aos sentidos atribuídos à educação do país, delineados por leis e pela leitura social do seu tempo e contexto.

Atividades educativas, por sua vez, podem ser aquelas que produzem experiências com a arte em espaços e tempos diversos da regularidade da escola. Podem ocorrer em museus, no contraturno escolar, em instituições culturais, espaços comunitários, estúdios e ateliês. Podem ter um caráter de ensino, mas também podem ser *experiências com a arte*, sem a formalidade que caracteriza a educação regular. Atividades educativas com a arte, porém, não são menos importantes. E nem o ensino escolar das artes é menor, pois são intenções educativas de características diferentes. Toda a forma de acesso à arte é importante e contribui de forma única para gerar sentidos às dimensões da vida para além dos modos mais divulgados, contudo, pouco discutidos.

2) Hoje, a arte-educação é aplicada na Educação Infantil, Ensino Fundamental e Médio, em escolas públicas e privadas. A LDB propõe diferentes modalidades artísticas a serem abordadas na disciplina. Como isso se dá na prática? Funciona? Quais são os principais desafios?

Bem, "arte-educação" designa o campo epistemológico do encontro entre arte e educação. Há um debate nacional sobre a grafia do termo, se com hífen, com barra, tudo junto, mas isso é para outra conversa. Digamos que "Arte" (com maiúscula) é um componente curricular da Educação Básica, garantido pela lei 9394 de 1996, recentemente modificada pelo movimento de instalação da Base Nacional Comum Curricular, a BNCC, cuja instalação completa nas escolas municipais e estaduais, privadas e públicas, deve dar-se neste ano.

De pronto, precisamos divulgar que é importantíssimo que o nosso país garanta há quase trinta anos que nas escolas exista arte formalmente, o que atende ao inadiável desenvolvimento humano brasileiro (haja vista nosso baixo IDH). Ocorre, contudo, que essa presença recebe a as ênfases dos governantes e da sociedade e é isso que vai caracterizando o funcionamento da arte nas escolas.

Arte é um componente único no currículo, mas a arte não é única, então aí surge a primeira questão que envolve a organização escolar e a economia em relação à especificidade das artes e à formação docente, também específica. Formados em teatro deveriam lecionar teatro na escola, porém as restrições econômicas para a contratação de mais professores das artes e a cultura que mantém rígida a distribuição dos períodos de aula (6 para Matemática e 1 para Arte, geralmente e na melhor das hipóteses), sob a justificativa de que os "futuros trabalhadores" precisam saber mais Português e Matemática, impede que a arte seja mais e melhor participante da educação básica. Todos os conhecimentos são importantes, porém a estrutura que privilegia componentes ditos instrumentais só aumenta, sem dar o prometido resultado na qualidade da aprendizagem. Seria o caso de mudarmos as mesmas ênfases de sempre, no meu entendimento.

Outro ponto é que das artes, tem mais divulgação nos saberes escolares, as artes visuais. Há uma construção histórica que passa pela pedagogia e pela psicologia cognitiva e que ganhou grande espaço na escola tratando da importância do desenho, da pintura e da escultura, por exemplo, para o desenvolvimento intelectual. Isso existe, claro, porém aprendizagens artísticas com o corpo, com os sons, com a palavra, com o gesto, *são insubstituíveis e imprescindíveis* para um ensino que privilegia (por diversos motivos que extrapolam essa resposta) o ficar parado na sua classe, o jogo físico com regras, a competição intelectual ou, ainda, sequências didáticas

empobrecidas, totalmente desprovidas de conteúdo ou voltadas para o mercado. Algumas iniciativas de instituições culturais oferecem oficinas em escolas que por vezes mais atendem à produção de conteúdo para as redes sociais e à perpetuação do código dominante do que, propriamente, fazem educação em arte. Há escolas, contudo, que conseguem oferecer mais de uma modalidade artística distribuindo-as nos anos do ensino fundamental e médio, o Colégio de Aplicação da UFRGS é um exemplo. E escolas privadas, que têm recursos abundantes frequentemente garantem mais arte nos currículos. Há concursos muito problemáticos no Brasil que, sem responsabilidade, desconhecem totalmente essa área e causam enormes contradições entre a formação exigida, os conteúdos da seleção nas provas e a atuação docente nas escolas, tamanhos são a desinformação e o descaso com a Arte, esse componente curricular inadiável e insubstituível.

Não posso deixar de falar, ainda, na diferença entre escolas privadas e públicas, urbanas e de periferias. Interpreto que o enfoque dado pela BNCC à Arte (o componente curricular) pode aumentar ainda mais as desigualdades sociais. Em minha tese, analisei rapidamente alguns verbos empregados no documento e sua dimensão discursiva de palavras de ordem que sugerem obediência: conhecer-se, apreciar-se, agir com resiliência, tomar decisões para o futuro, negociar ideias. É como se os agentes escolares fossem convocados a dar bons exemplos, sendo que esses bons exemplos já vêm desenhados de antemão, quando precisariam ser pensados tanto contextualmente, reconhecendo o que é próprio das comunidades onde estão as escolas, quanto no que são as existências pobres, ricas, periféricas, urbanas, infantis, trabalhadoras, estudantis, jovens, de gênero, em um país marcado pelo pensamento de matriz colonial e extrativista. A “pedagogização do pedagógico” (AQUINO, 2014) pode recair sobre as artes na escola e também em instituições culturais, naturalizando o uso de termos da esfera da administração como autogestão, autoconhecimento, autocuidado e autonomia presentes na BNCC, quando o caráter das artes não é o da regulação de uma expectativa externa, mas o da aprendizagem nas artes e da criação.

3) Quais áreas da cultura costumam ser mais e menos contempladas?

Acho que respondi um pouco no item anterior, porém vale dizer que, lamentavelmente, a Dança e o Teatro são as áreas da arte menos contempladas na escola. Existe uma luta nacional para a reversão deste quadro, sendo as associações nacionais de professores e artistas importantes vetores para a divulgação desse tema para a sociedade e para os governantes. A Música e as Artes Visuais têm inserção maior, ao meu ver, por serem mais usadas em justificativas pelas ciências da cognição e da neurociência, o que é legítimo mas não podem ser as únicas perspectivas, e por estarem nos currículos a muito mais tempo.

Há que mencionar, ainda, que as artes populares e as narrativas da arte que não sejam a europeia e a norte-americana são as que dominam o ensino de arte escolar, tendo, ao menos nas artes visuais, bastantes referências a artistas legitimados pelo mercado internacional da arte e pelo que é elaborado por museus e instituições artísticas que também têm suas bases calcadas no sistema das artes. A arte é uma forma de conhecer que não tem no mercado ou no sistema, nem mesmo na história, a sua energia. A energia da arte ocorre nas pessoas, nos povos, nas culturas, na sua capacidade de criação.

4) Qual é a importância do ensino de arte-educação nas escolas?

Justificar o ensino em Arte nas escolas é algo que por si mostra que essa construção, apesar de existente, ainda precisa ser divulgada, especialmente porque a experiência com a arte de quem ocupa os postos de decisão, conforme temos visto, ou é restrita na quantidade, ou é obtusa no seu caráter. Ademais, a concepção de educação dos setores administrativos é bastante voltada para a “educação do povo”, sendo “povo” algo que deve ser moldado com base em parâmetros já existentes e pouco debatidos. Como professora, pesquisadora e formadora de professores, não penso assim.

Para a arte acontecer na educação escolar de forma consistente e coerente com a arte e com a educação, há que existir abertura ao campo artístico e, por conseguinte, à aprendizagem em arte. E há que existir um entendimento dos compromissos da educação escolar, onde professores e estudantes estejam juntos no empenho de aprender arte e também de exceder os limites do que foi ensinado. A história da arte tem seus limites, o uso das imagens e a circulação das obras também e excedê-los é aprender que há artes que são desconsideradas, há culturas que são ocultadas e há modelos que insistem em prevalecer.

Assim, a arte na educação escolar é importante para endereçar às crianças e jovens uma experiência de ampliação do mundo. Arte é conteúdo, mas também é uma operação, uma atitude e um procedimento para gerar novos sentidos para as situações, as coisas, as relações. Por isso dizemos que a arte dá forma, mas, sobretudo, transforma. Enquanto a ciência busca explicações para os fenômenos, a arte produz um conhecimento que é novo em si, porque põe no mundo algo que ainda não existia. Movimentos do corpo, construções espaciais, imagens desenhadas ou filmadas, usos diferentes para as tecnologias existentes, relações outras com matérias, espaços e tempos, são algumas aberturas que a arte pode oportunizar na escola.

Por fim, pensemos na época que estamos vivendo, de modos de vida individuais, personalistas, instantaneamente consumíveis e descartáveis como qualquer mercadoria. Pensemos na manutenção da saúde pública, de preservação da vida e de empenho máximo de valores humanitários no enfrentamento à pandemia pelo contágio global do Covid-19. Uma experiência rica com arte na escola poderia nos tornar abertos e encorajados a revisar os argumentos que dão base ao viver ética, humana e coletivamente nas cidades, bairros e casas. Poderia nos mostrar outros modos de trabalhar, de produzir riqueza que não seja a mera monetização. Junto às demais formas de conhecimento e sem hierarquização entre elas, a arte na escola pode ressignificar o que dá sentidos à nossa vida, caso estejamos dispostos a *reescrevê-los com os jovens*. As mudanças rápidas e difíceis da atualidade requerem outras formas de convivência, de trabalho e de participação, que a arte pode nos ajudar a trazer ao mundo.